

O Papel das Agências de Fomento

Suzana Kakuta

Presidente da CAIXARS – Fomento Econômico e Social

As estratégias de desenvolvimento levam em conta, via de regra, os diferenciais de competitividade locais instalados. Mas devem também considerar a articulação pró-ativa das governanças e empreendedores, mirando na solução de problemas históricos ou momentâneos que emperram o desenvolvimento. Muitos autores englobam essa visão – Michael Porter, o principal deles – quando tratam da competitividade sob a égide dos condicionantes sistêmicos e estruturais, além do olhar empresarial e local. Ou seja, para acelerar o desenvolvimento é preciso, sim, olhar o mercado.

Os arranjos produtivos locais (APLs) são a melhor síntese da importância da conjugação de fatores sistêmicos e estruturais para sustentar empreendimentos de uma cadeia produtiva. Por isso, as estratégias de desenvolvimento junto aos APLs têm trazido bons resultados, não apenas pelo crescimento das empresas envolvidas, mas também pela capacidade de articular a iniciativa pública e privada, colocando todos no mesmo foco de desenvolvimento.

Articular o crescimento de APLs potencializa os fatores de competitividade destes agrupamentos e os conduz de forma articulada e com apoio de diferentes agentes de governança, ao enfrentamento da competitividade global.

Um bom exemplo desta integração ocorre na apicultura, setor no qual o Brasil é um importante *player* global na produção, mas enfrenta barreiras técnicas de entrada em mercados externos. Em parceria com o setor, o Inmetro criou regulamento técnico que trata de segurança alimentar resguardando a qualidade de origem do mel, preparando o setor para o mercado global.

Outro exemplo é o setor coureiro-calçadista. Exportador, tradicional e de forte impacto socioeconômico no país, o segmento vê a situação cambial desfavorável influenciar ajustes importantes na estrutura de custos empresariais e induzir o avanço em inovação e diferenciação de produto. Pesquisas revelam que o setor exportador que cresce é o do produto de maior valor agregado direcionado para mercados mais exigentes.

Nos dois exemplos, cabe às agências de fomento atuarem na implementação destas inovações, via financiamento, por exemplo. Neste sentido, creio que as agências têm papel vital em três áreas: atuar na modernização de setores tradicionais, inserindo novos fatores de competição; atuar na dinamização do desenvolvimento regional, articulando propostas de desenvolvimento para um foco comum; e fomentar a introdução de setores portadores de futuro, ou seja, provocar a introdução de novos segmentos ou setores sintonizados com tendências globais é vital para um novo posicionamento econômico mercadológico.

Estas estratégias propõem um novo papel às agências de fomento, muito além do de agente financiador. É preciso que atuem diretamente na articulação, elaboração e implementação de um conjunto de iniciativas, inclusive as financeiras, para acelerar a competitividade de economias setoriais e regionais para seu ingresso e manutenção sustentada no mercado, o que exige vontade pró-ativa de atuar de forma estruturada neste campo e, em especial, um *expertise* interno diferenciado nas agências. Para isso, nosso alinhamento é fundamental, na articulação junto a diferentes agentes que tratam do desenvolvimento em âmbitos regional, estadual e nacional.

Reitero a crença de que nós, gestores de agências de fomento, temos como papel diferenciado a indução do desenvolvimento como forma de romper a inércia de crescimento natural instalado. Cabe-nos apontar novos rumos a regiões e setores importantes na economia do Brasil, preparando-os para a competitividade. O momento é oportuno e as portas estão abertas para este desafio.

**Publicado originalmente na revista Rumos (Edição 233 –maio/junho de 2007).
Publicação da Associação Brasileira de Instituições Financeiras de
Desenvolvimento**